

# LINGUASAGEM

## A DESNATURALIZAÇÃO DOS DISCURSOS E A LÓGICA DO ABSURDO EM MACHADO DE ASSIS

Rodrigo Silva TRINDADE<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho consiste na análise dos contos *Ideias de canário* (1895) e *Jogo do bicho* (1904), e duas crônicas da série “A semana”, de Machado de Assis. Uma crônica e um conto problematizam o cientificismo bastante em voga no final do século XIX; o outro par versa sobre o jogo do bicho. O objetivo é o de demonstrar a recorrência de procedimento empregado por Machado de Assis, que consiste na exploração das temáticas propostas através da extrapolação da realidade e consequente construção de um universo absurdo, quase inverossímil, no qual se encontra o potencial crítico do texto. Este será diretamente responsável pela reflexão de segundo nível que o autor propõe tanto nas crônicas quanto nos contos, alcançando o efeito final da desnaturalização dos discursos bem assentados na esfera pública. A escolha de dois gêneros distintos se presta a verificar a inserção dos textos em um projeto mais amplo e coerente do escritor, bem como perceber as nuances das articulações realizadas na reelaboração das estruturas que compõem a sua obra. O referencial teórico que articulamos na análise do objeto literário é composto pelos estudos de Silviano Santiago, Lúcia Granja e Umberto Eco.

**Palavras-chave:** Machado de Assis; conto; crônica

### ABSTRACT

This article consists of an analysis of the short stories *Ideias de canário* (1895) and *Jogo do bicho* (1904), in addition to two newspapers chronicles selected from the series “A Semana”, by Machado de Assis. One of these pairs deals with scientism quite popular in 19th century; the other one problematizes the popular “game of bicho”. The objective is to demonstrate a procedure used by Machado de Assis, in which he explores the proposed themes through the extrapolation of reality and the consequent construction of an absurd universe, almost implausible, where is the critical potential of the text. This will be directly responsible for the second-level reflection that the author proposes in both chronicles and stories, reaching the final effect of denaturalizing the speeches well established in the public sphere. The choice of two distinct genres lends itself to verifying the insertion of the texts in a broader and more coherent project of the writer, as well as perceiving the nuances of the articulations made in the reworking of the

<sup>1</sup> Docente da área de Letras no IFSP, Doutorando e Mestre no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP). E-mail: r.trindade@outlook.com

structures that make up his work. The theoretical framework that we articulate in the analysis of the literary object is composed by the studies of Silviano Santiago, Lúcia Granja and Umberto Eco.

**Keywords:** Machado de Assis, short story; chronicle

### O espaço do autor-modelo

A obra de Machado de Assis é ainda um grande desafio para a crítica, dentre muitos fatores, também pelo modo como o escritor alcançou o reconhecimento público. Comumente a admiração dedicada a Machado de Assis justifica-se por um conjunto mínimo de elementos presentes em sua obra. A recepção de seus textos deslizou do respeito ao estilo clássico do jovem dramaturgo, poeta e ensaísta dos primeiros anos, passando pelo estranhamento às *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, até a conseqüente consagração do romancista e contista da fase madura.

De maneira geral, ao leitor brasileiro do século XXI é oferecido um recorte de seus escritos que se limita ao conjunto de contos tidos por exemplares e aos romances da famigerada segunda fase machadiana.<sup>2</sup> Tal escolha tende a obliterar a produção em outros gêneros que o escritor praticou com esmero. Há, entretanto, uma elaboração crítica proposta por Silviano Santiago oposta a essa tendência fragmentária. Em dois ensaios originalmente publicados em 1969 - *Jano Janeiro* e *Retórica da verossimilhança* - o estudioso nos convida a analisar a produção machadiana em perspectiva mais totalizante. Neste último:

Já é tempo de se começar a compreender a obra de Machado de Assis como um todo coerentemente organizado, percebendo que à medida que seus textos se sucedem cronologicamente certas estruturas primárias e primeiras se desarticulam e se rearticulam sob forma de estruturas diferentes, mais complexas e mais sofisticadas (SANTIAGO, 2000, p. 27).

---

<sup>2</sup> Tal divisão deriva de interpretação enviesada de crítica de José Veríssimo ao romance *Iaiá Garcia* na *Revista Brasileira* em novembro de 1898, pp. 243-255: “A sua segunda maneira, pois, de que estes livros são a melhor amostra, não é sino o desenvolvimento lógico, natural, expontaneo da primeira, ou antes não é sino a primeira com o romanesco de menos e as tendencias criticas de mais. Digo expressamente “de mais” e não “a mais”, porque receio que estas ultimas tendencias possam talvez ser um dos senoes – e as mais perfeitas obras os têm – da obra do Sr. M. de A. A característica do Sr. M de A. é que elle é, em nossa literatura de ficção, um artista forrado de um pensador, de um philosopho...” (GUIMARÃES, 2004. p. 338.)

Silviano Santiago nos exorta a compreender os escritos machadianos como um projeto longo e coerente cujos alicerces fundados em textos considerados menos pretensiosos já contêm a complexidade facilmente identificável em textos consagrados.

Ainda, sobre o processo inventivo de Machado de Assis, o crítico afirma:

(...) depende quase exclusivamente da reelaboração de certas estruturas estabelecidas em trabalhos já escritos e/ou publicados anteriormente. Depende, pois, de uma revisão crítica do seu próprio esforço, do que já conseguiu realizar. Mais sofisticado é cada novo trabalho com relação ao anterior, melhor o romancista apanha a complexidade da ação e dos personagens (SANTIAGO, 2006, p. 434-5).

Segundo o estudioso, há muitos benefícios em se estudar o autor a partir de estruturas dadas, revisitadas e reelaboradas ao longo de cada texto, considerando inclusive os distintos gêneros nos quais produziu. Há nas obras, elementos que se verificam pela primeira vez em um texto de determinado gênero que se agudizam em obras posteriores, como por exemplo, o *topos* do ciúme, que, além de revelar a admiração do autor por Shakespeare, é trabalhado tanto sincronicamente quanto diacronicamente em sua produção. Silviano Santiago analisa por exemplo a presença do tema no poema *O verme*, de *Falenas* (1870), no conto *A mulher de preto* (publicado no *Jornal das Famílias* em 1868 e recolhido em livro em 1870), nos romances *Ressurreição* (1872) e *Dom Casmurro* (1900).

Alguns temas presentes nas obras de ficção são objeto de atenção do escritor também nas folhas hebdomadárias dos jornais. Como já bem demonstrado por GRANJA (2000) nos seus estudos sobre a relevante presença de Machado de Assis no periodismo carioca do século XIX, o ofício de cronista trouxe inúmeros elementos para a escrita ficcional do escritor. Nesse sentido não é arriscado afirmar que as reflexões de ordem filosófica, psicológica e social suscitadas pelos textos de ficção possam ter sido previamente experimentadas nas páginas dos jornais.

Entretanto, afirmar isso não significa dizer que da problematização engendrada nas crônicas não possam ser extraídas maiores repercussões e que, por isso, seja preciso dar tratamento mais sofisticado ao tema em outro gênero, de preferência o conto ou o romance. É possível, portanto, que o pequeno texto tanto sirva como ponto de diálogo para os textos ficcionais como possa ser apreciado na sua própria economia.

Retomando os elementos que até aqui estabelecemos assumimos como pressupostos de nossa investigação, temos que Machado de Assis constrói sua obra com profunda consciência, dimensão de um projeto e pretensão de unidade. Silviano Santiago demanda que a análise de sua produção leve em conta a compreensão de determinados mecanismos já estabelecidos em textos anteriores. Por fim, sugerimos que a presença de determinados procedimentos se estabelece com bastante complexidade em todos os gêneros aos quais o escritor se dedicava. Isso faz com que, a exemplo dos grandes mestres da literatura, uma marca autoral seja reconhecível em seus textos. A essa presença inequívoca Umberto Eco dá o nome de autor-modelo:

Há igualmente duas maneiras de percorrer um texto narrativo. Todo texto desse tipo se dirige sobretudo a um leitor-modelo do primeiro nível, que quer saber muito bem como a história termina (...) Mas também todo texto se dirige a um leitor-modelo do segundo nível, que se pergunta que tipo de leitor a história deseja que ele se torne e que quer descobrir precisamente como o autor-modelo faz para guiar o leitor. Para saber como uma história termina, basta em geral lê-la uma vez. Em contrapartida, para identificar o autor-modelo é preciso ler o texto muitas vezes e e algumas histórias incessantemente. Só quando tiverem descoberto o autor-modelo e tiverem compreendido (ou começado a compreender) o que o autor queria deles é que os leitores empíricos se tornarão leitores-modelo maduros (ECO, 2017, p. 33).

Consoante esse entendimento, é possível identificar uma presença mal disfarçada constante em seus textos. Um leitor do segundo nível poderá identificar como característica marcante da obra de Machado de Assis a inquietante produção de estranhamento que realiza em suas obras, cujo principal efeito é o da desnaturalização de discursos previamente estabelecidos e bem assentados na sociedade. Associa a isso um profundo racionalismo, como estabelece o próprio Silviano Santiago: “Machado, racionalista infatigável, dificilmente poderia ser colocado ao lado do bergsonismo proustiano”. (2000, p. 37)

Neste ensaio, propomos o estudo de dois contos associado ao de duas crônicas a eles contemporâneas que versam sobre as mesmas questões, no intuito de identificar e demonstrar os mecanismos narrativos que regem os textos nos diferentes gêneros.

### **Entre canário e cavalos: o absurdo**

*Ideias de canário* é um conto publicado na edição de 15 de novembro de 1895 da *Gazeta de Notícias* e publicado em livro em junho de 1899 em *Páginas recolhidas* - coletânea que abrigava textos de diferentes gêneros produzidos por Machado de Assis.

O texto começa com o narrador dando os créditos da história “extraordinária” que vai contar ao personagem “dado a estudos de ornitologia”, chamado Macedo. Segundo aquele, o que será reportado ao leitor nada mais é do que apenas o “resumo da narração”. Nesse momento temos o primeiro nível de complexidade do enredo. O narrador atribui narrativa bruta (a qual não temos acesso) ao próprio personagem que protagoniza a trama. Machado de Assis, a esse tempo, já estabelece como recorrente a problemática da instância da narrativa, de modo que ao leitor compete identificar com quem ele terá que se haver em nome da confiabilidade da matéria lida.

Escapando de um acidente de *tilbury*, Macedo salta providencialmente para dentro de uma loja de belchior cujo dono nem se deu conta de sua entrada súbita. A loja é descrita como decadente, desorganizada. Muitos objetos se ladeavam e entulhavam o espaço sem que nenhum deles fosse objeto de interesse do visitante repentino.

Incomodado com o cenário e prestes a sair do estabelecimento, Macedo avista uma gaiola pendurada com um canário. Seu interesse se dirige à vida que destoa do espaço de ruínas, de fragmentos descartáveis de história que a circunda. Apresenta-se então o “absurdo” anunciado no primeiro parágrafo: o personagem entabula um diálogo com o canário.

Perguntado a respeito do seu histórico de propriedade e da sua presente situação, o canário apresenta surpreendente posicionamento:

- Que dono? Esse homem que aí está é meu criado, dá-me água e comida todos os dias, com tal regularidade que eu, se devesse pagá-lo os serviços, não seria com pouco; mas os canários não pagam criados. Em verdade, se o mundo é propriedade dos canários, seria extravagante que eles pagassem o que está no mundo (ASSIS, 2015, v. 2, p. 558).

Pensando estar diante de uma avassaladora descoberta – a de um canário falante com aspirações filosóficas – o “estudioso” adquire o animal para que possa registrar a sua linguagem e as suas ideias, sobretudo as suas ideias. O que mais se destaca nas reflexões do canário é a pretensão de domínio sobre o mundo, que se resume ao seu entorno. Além disso a dose de convicção que tem sobre sua realidade sugere a posse de uma verdade. Atentemos para a intransigência do pássaro:

“- O mundo - redarguiu o canário com certo ar de professor -, o mundo é uma loja de belchior, com uma pequena gaiola de taquara, quadrilonga, pendente de um prego; o canário é senhor da gaiola que habita e da loja que o cerca. Fora daí, tudo é ilusão e mentira” (ASSIS, 2015, v. 2, p. 558).

Na casa de Macedo o mundo ganha fronteiras mais largas, fazendo com que o animal se esqueça da loja do belchior, que até então era tudo que ele tinha:

“- O mundo - respondeu ele - é um jardim assaz largo com repuxo no meio, flores e arbustos, alguma grama, ar claro e um pouco de azul por cima; o canário, dono do mundo, habita uma gaiola vasta, branca e circular, donde mira o resto. Tudo o mais é ilusão e mentira” (ASSIS, 2015, v.2, p. 559).

Em determinada manhã, tomado pela enfermidade, o proprietário do canário (ou seu servo, a depender do ponto de vista que se assuma) incumbiu um criado dos cuidados da gaiola, até que por descuido o animal foge. Desolado e cansado de procurar pelo animal, Macedo se convence a sistematizar o material que já tinha e visita a chácara de um amigo para espairecer. Lá encontra seu objeto de estudo pousado no galho de uma árvore. O diálogo final merece transcrição:

...Falei ao canário com ternura, pedi-lhe que viesse continuar a conversação, naquele nosso mundo composto de um jardim e repuxo, varanda e gaiola branca e circular...

- Que jardim? Que repuxo?

- O mundo, meu querido.

- Que mundo? Tu não perdes os maus costumes de professor. O mundo - concluiu solenemente - é um espaço infinito e azul, com o sol por cima.

Indignado, retorqui-lhe que, se eu lhe desse crédito, o mundo era tudo; até já fora uma loja de belchior...

- De belchior? - trilou ele às bandeiras despregadas. Mas há mesmo lojas de belchior? (ASSIS, 2015, v.2, p. 559).

No derradeiro encontro, chama a atenção o alargamento das fronteiras do mundo do pássaro, posto que estava agora em liberdade, segundo a concepção rasa de liberdade, qual seja, a ausência de obstáculos físicos que impeçam a mobilidade. Ainda assim, esse conceito foi amplamente relativizado nas falas do animal. No primeiro e inóspito espaço em que fora encontrado, o canário dizia com tranquilidade a respeito do que era o seu mundo, ainda que circunscrito ao espaço da gaiola. Em uma gaiola maior e com visão mais alargada do jardim de Macedo, o pássaro imediatamente absorveu

aquilo como o seu único mundo, sugerindo pelo discurso a capacidade de se manter em uma situação confortável e de poder em qualquer lugar que habitasse, a despeito da leitura feita pelos homens a respeito da sua condição.

Ao final, através da fuga, o pássaro alarga as suas fronteiras, tratando com ironia o pesquisador que pretende devolvê-lo à sua gaiola e ao mundo que pretensamente era de seu domínio. Demonstra assim pela sua suposta falta de memória que lhe interessa apenas a dimensão do aqui e do agora.

Machado de Assis, o autor modelo<sup>3</sup>, parece propor uma reflexão acerca das visões bem assentadas e naturalizadas do homem sobre sua própria existência, tangenciando uma leitura irônica acerca das crenças nunca questionadas pelos homens, assim como faz mofa do perfil e dos discursos dos ditos homens de ciências.

Lúcia Granja, ao estudar os vários tipos de discursos presentes na imprensa brasileira do século XIX, aponta para uma visão específica de Machado de Assis sobre a pretensão de totalidade da ciência que atingia o imaginário do leitor no final do século XIX:

Na verdade, como o narrador da ficção machadiana aproveita ironicamente o discurso científico, ele parece deslocado no ambiente ficcional e, por extensão, parodia a naturalidade com que é expresso no espaço do relato do ‘real’ (GRANJA, 2018, p. 157).

A propósito da relevância do periodismo na obra do escritor e avançando em nossa proposta de leitura conjunta de textos de distintos gêneros, tratemos da crônica publicada em 2 de abril de 1893 na *Gazeta de Notícias*, integrante da consagrada série *A Semana*, o mais estruturado conjunto de crônicas de Machado de Assis.

O cronista dedica a sua coluna semanal a comentar um problema recorrente na sociedade carioca, que consistia na corrupção de jôqueis com o intuito de fraudar o sistema de apostas em corridas de cavalos na capital federal. Acusações trocadas entre diretores de clubes esportivos e *book-makers* davam conta de que alguma dessas categorias (ou ambas) eram responsáveis pelo mal feito. O desdobramento do problema resultou, três anos depois, na proibição das apostas por força de lei municipal, como se

---

<sup>3</sup> Conforme procuramos definir na apresentação dos pressupostos conceituais, para a construção desse trabalho tomamos o termo a Umberto Eco, que define o autor numa perspectiva de projeto ficcional como “uma voz sem corpo, sem sexo, sem história” (2017, p.31) que se faz visível em todos os níveis do seu texto.

vê na notícia veiculada na edição da *Gazeta de Notícias*, bastante próxima à data de publicação do texto de Machado de Assis:



**Figura 1:** *Gazeta de Noticias*, 15 de janeiro de 1895.  
Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O cronista parece pouco interessado em apurar na realidade quem são os verdadeiros responsáveis pelo sistema de corrupção. Em seu lugar, lança mão de uma estrutura ficcional que mais uma vez recorre ao absurdo para problematizar a questão que a ele se apresenta.

Intrigado sobre como três dos piores cavalos puderam vencer três dos favoritos para determinado páreo, fabula um diálogo tendo um estrangeiro como interlocutor – o elemento externo -, e este teria a resposta que daria conta de tais indagações. Tal explicação se apresenta no intuito de substituir a dos apostadores derrotados. Segundo estes, frágeis animais apenas venceriam os de alto desempenho por meio de intervenção divina ou de corrupção dos homens.

O estrangeiro - crê o cronista que se trata de um polaco -, adverte que sim, é possível que naturalmente três cavalos lentos vençam os velozes desde que entre eles haja o devido acordo. Para sustentar a sua afirmação lança mão de um suposto conhecimento de escritos antigos:

- Não mofe, que é imitar os ignorantes. Que os cavalos façam acordos entre si, é coisa sabida por todos os que folheiam livros antigos. Diculsius, op., lib. XXI, refere: ‘Os númeridos contam que os seus cavalos combinam entre si, à imitação dos homens, a marcha que hão



de ter, quando presumem que esta os fatigue em excesso, se forem pelo acordo dos cavaleiros'. Cneius Publius, confirmando essa versão, acrescenta que a espécie cavalari é daquelas em que mais se ajustam as vontades. Mas o primeiro que estudou detidamente esse assunto (nã falando dos árabes), foi o filósofo Claudius Morbus; esse achou que os cavalos escarnecem dos homens: "Os ruins cavalos, diz ele em um dos seus tratados, são muita vez cavalos excelentes; para escarnecer dos homens, fazem-se ruins, empacam, afrouxam o passo, ou simplesmente os cospem de si, para que eles os não aborreçam mais..." (ASSIS, 1996, p. 219).

Naturalmente, os sábios da antiguidade são invenções utilizadas retoricamente para dar credibilidade ao argumento. Isso parodia, conforme assevera Lúcia Granja, determinado discurso que estava muito em voga nas páginas dos jornais e se prestavam a dar ares de legitimidade a quaisquer posicionamentos que se pretendesse defender.

Assim como em *Ideias de canário*, a centralidade dada aos animais que se assenhoram das decisões críticas sobre as suas próprias vidas, ganha contornos de absurdo. Esse movimento nos transporta diretamente para o universo da ficção, de maneira que a crônica imediatamente se distancia da realidade da qual deveria tratar justamente para problematizá-la.

O cronista convida o leitor a ler a sua coluna de domingo com o mesmo esforço que espera que dedique a um texto ficcional. No conto, o convite parece óbvio. Ao sugerir a total precariedade e absoluta relatividade das nossas convicções através do trilar de um canário pretensamente senhor de um mundo bastante limitado, o narrador instiga o seu leitor a questionar as suas próprias certezas.

No diálogo construído na crônica a referência é ainda mais explícita: " – Os cavalos são homens; e não está longe o século em que os homens correrão também para recreio e lucro dos cavalos" (ASSIS, 1996. p. 219). Se os cavalos são homens, é muito provável que os homens, a exemplo dos cavalos do argumento tenham combinado os resultados da corrida, e que na prática isso não faria diferença alguma, uma vez que tudo permaneceria como está.

A explicação que pretende explicar o resultado absurdo da corrida funciona como um consolo para ambos interlocutores que teriam perdido dinheiro no páreo:

- Seja como for, perdemos o dinheiro que estava ganho.  
- Tem graça! Não se perde nada, porque assim como os que deviam ganhar, perdem, assim também os que deviam perder, ganham. Há compensação. É o que se pode chamar uma bela sociedade (ASSIS, 1996. p. 220).

Tanto no conto como na crônica, de maneira igualmente sofisticada, o autor-modelo busca o leitor de segundo nível. Como não há explicação que racionalmente dê conta das crenças e do funcionamento da sociedade, o autor recorre à maneira da ficção. É através das crenças muito humanas dos animais, que se racionaliza o discurso dos homens e o põe em xeque.

Afinal, concluímos na crônica que a corrupção é inerente ao comportamento humano, que não seria possível esperar uma dimensão ética nos espetáculos públicos existentes à base de apostas e que o discurso científico pode se assemelhar ao da ficção. Como no conto, o procedimento que se utiliza é o da argumentação disparatada como contraface do que se deseja realmente dizer.

### **Jogo do bicho: a força da opinião**

Debruçaremos-nos doravante sobre um outro par conto-crônica que versa diretamente sobre o mesmo tema. Se na análise dos dois textos anteriores nos dedicamos ao estudo de um procedimento machadiano, agora analisaremos o tratamento que ao autor dá ao mesmo tema em diferentes gêneros.

O conto *Jogo do bicho* foi publicado em 1904 no *Almanaque Brasileiro Garnier*. Tratava-se já da reta final na produção de Machado de Assis. O texto é contemporâneo à publicação do romance *Esau e Jacó*, o penúltimo do autor. Nele não há maior problematização na instância narrativa. O clássico narrador em terceira pessoa apresenta a história de Camilinho, empregado de escrita nos arsenais da marinha, que se casa com uma jovem após relacionamento relâmpago de três meses, movido pela vantagem de receber no matrimônio não apenas uma esposa, mas também uma criada que viria com ela sem qualquer custo de salário.

Obcecado por uma promoção sempre anunciada mas nunca consumada, o contador da repartição pública era movido pela esperança de ter uma vida mais confortável e consolava-se de suas frustrações usando jargão utilizado por todo o serviço público e que lhe dava uma sensação de pertencimento: “marcar passo”. A cada vez que repetia a frase “Vivo marcando passo” (ASSIS, 2015, v. 3, p. 361), sentia que fazia parte do universo que admirava. Não sendo apenas isso suficiente para satisfazê-lo experimentou jogar no bicho. Ganhou.

O narrador toma o cuidado de explicar ao leitor desavisado o funcionamento do jogo do bicho. Talvez não fosse sequer preciso, uma vez que o tema já era assunto de conhecimento público desde pelo menos dez anos antes:

A recorrência com que o tema do jogo do bicho apareceu em diferentes espaços na Capital Federal, nos idos dos anos 1890, tem justificativa. Foi justamente num momento em que “o ar do Rio cintilava com a promessa de dinheiro fácil”, em função da febre de especulação financeira que assolou o país, conhecida pelo nome de Encilhamento, que o jogo do bicho por ela espalhou-se e colocou-se ao alcance de todos que dispusessem de poucos réis para fazer uma aposta.

O período que abrange de 1892 e 1895 foi pródigo em ações que colocaram o jogo do bicho na mira da ação judicial e da polícia. Nele foram proibidas as apostas do jogo e levou-se à Casa de Detenção os primeiros grupos de vendedores e compradores dos bilhetes do bicho. Neste tenso contexto, não surpreende que o assunto jogo do bicho tenha sido “debatido” em espaços informais da política (SOUZA, 2018, p. 202).

Custou a crer na vitória e perseverou apostando em diferentes bichos, após insistências frustradas no macaco, posto que “ (...) o animal, meio-homem, falhou às esperanças do primeiro dia” (ASSIS, 2015, v. 3, p. 361). O comentário preconiza uma posição que se revela diretamente no final do conto: o problema do macaco é se parecer com os homens, uma vez que a civilização dos homens, organizada por discursos com pretensão de totalidade e verdade absoluta é a causadora dos próprios infortúnios.

O homem insistia em racionalizar a sua fé, criando estratégias das mais variadas para antecipar o número e o bicho premiados. Chega ao extremo de convidar o seu bicheiro habitual para ser padrinho de seu filho com a esperança de que obteria algum benefício da banca, o que naturalmente não ocorre. Ao perceber que produz um déficit no orçamento familiar, estabelece o limite de setecentos mil-réis de gasto nas apostas. Finda essa quantia ele abandonaria a prática.

O conto se encerra quando Camilo, perto de esgotar a quantia estabelecida, finalmente acerta o número. Tal acontecimento o transporta para um momento de plena felicidade, mas o problema é que o prêmio auferido consistia em apenas cento e cinco mil-réis, valor bastante inferior ao já investido em apostas. Ainda assim não esmoreceu: feliz, levou para casa um pastelão, um pudim, um broche para a esposa e trinta e oito mil-réis.

O conto obviamente é uma espécie de construção da anatomia do vício, que consiste na substituição do pensamento racional pela submissão à fé, no caso, sustentada pela construção obsessiva de um pensamento legitimador da lógica do jogo. Machado de Assis era um severo crítico das apostas. Molestavam-lhe os extremos, o pensamento irracional, os espetáculos que alijavam os homens do seu equilíbrio, em suma, os fenômenos de massa.

Camilinho foi refém do sistema de apostas, convencido de que havia alguma lógica subjacente ao jogo. Como muitos, sublimava a frustração de sua vida profissional mal sucedida recorrendo a uma esperança em algo profundamente frágil, criado pelos homens de “má intenção” para ludibriar e explorar os desafortunados. Não por acaso, sua primeira vitória ao jogar no macaco – animal que mais se aproxima em características biológicas dos homens – disparou o vício. Sendo homem, o personagem parecia movido por instinto, como os animais do jogo que praticava.

A fala do bicheiro-compadre sugere que a vitória nada mais é do que a manutenção do viciado no sistema: “- Ora, chegue-se, dê cá um abraço - disse-lhe o compadre, quando ele ali apareceu - . Afinal a sorte começa a protegê-lo”(ASSIS, 2015, v. 3, p. 365). A frase dá o tom do caráter cíclico do jogo, denunciado de maneira bem humorada pelo narrador.

A combinação entre a profissão de contador e o formato do jogo baseado em números elevava a tensão do personagem, cuja vida consistia em calcular obstinadamente as possibilidades da vitória. Mais uma vez o cálculo, símbolo de uma racionalização, transborda para o campo da irracionalidade. Aí está a presença do autor-modelo Machado de Assis, em quem se identifica recorrentemente a escolha dessa temática. A fábula de um pequeno servidor público insatisfeito com a sua vida e que dirige ao jogo as suas esperanças é apresentada de forma bem humorada, entretanto o narrador discretamente se afasta da matéria narrada para instigar o leitor a pensar sobre as causas do fenômeno.

O absurdo se revela na cena final em que o personagem retorna à casa com as esperanças renovadas na vida, mesmo tendo recuperado com o prêmio recebido apenas uma ínfima parte do valor dispendido nas recorrentes apostas. Trata-se da lógica do absurdo novamente em ação. O discurso que constrói para si mesmo faz com que Camilinho se convença da eficácia da empresa em que se aventurou durante tanto tempo. Ao leitor fica evidente a falência de seu projeto e a certeza de um futuro de fracasso.

Vejamos como o mecanismo se dá no gênero “menor”. Na crônica de 17 de março de 1895, publicada na *Gazeta de Notícias*, o hábil escritor se debruça sobre o jogo do bicho, o retorno dos jogos olímpicos e os acidentes de bondes. Em comum entre eles, um animal: o burro.

O cronista inicia o texto catalogando episódios marcantes em que o burro esteve presente na história da humanidade. Passa pela montaria de Sancho na obra prima de Cervantes e avança até o registro bíblico, lembrando também da sua presença no universo sertanejo e no transporte público da capital da república. Diferentemente da primeira crônica aqui tratada, o texto apresenta ficcionalização discreta, porém decisiva.

Compara o novo jogo em voga na capital às antigas corridas de cavalos. Comenta sobre a substituição do verbo “vencer” - comum à maioria dos jogos -, por “dar”, o que de certa maneira caracteriza o aspecto popular do novo modelo de apostas. Contudo, diferentemente do tom praticado no início do comentário, defrontamo-nos com uma fabulação que contém quase toda a reflexão crítica:

Deu o burro, amanhã dará o macaco, depois dará a onça etc. Sexta-feira, achando-me numa loja, vi entrar um mancebo, extraordinariamente jovial – por natureza ou por outra coisa -, e bradava que tinha dado a avestruz, expressão obscura para quem não conhece os costumes dos nossos animais. É mais breve, mais viva, e não duvido que mais verdadeira. Não duvido de nada. A zoologia corre assim parelhas com a loteria, e tudo acaba em ciência, que é o fim da humanidade.

Também a arqueologia é ciência, mas há de ser com a condição de estudar as coisas mortas, não ressuscitá-las (...) (ASSIS, 2015, v. 4, p. 1078.)

A cena de entrada do mancebo portando o resultado do sorteio introduz não apenas um personagem, mas novamente as idiossincrasias do cronista. Segundo este, a ciência e a loteria correspondem uma a outra. Haveria, segundo a leitura, algo de lotérico na ciência e algo de científico na loteria. Tudo isso redundava no óbvio: o fim da humanidade, ou o inexorável fim de cada indivíduo que a compõe.

Diferentemente do conto, na crônica não se propõe o estudo do viciado, mas da lógica subjacente ao vício. A existência de um universo totalmente movido pelo acaso, pelo lotérico, mas ainda assim marcado pela possibilidade de intervenção. Quando o narrador sugere que tudo redundará para a ciência, provavelmente faz alusão ao que farão os homens com a estrutura viciante que se lhes apresenta. O resultado? O fracasso com ares de esperança, como o de Camilinho.

A alusão à zoologia, relacionando-a ao jogo do bicho e à arqueologia, a “ciência das coisas mortas”, dá ensejo à resistência ao retorno dos jogos olímpicos, nos quais, segundo o cronista, os homens substituem os animais nos espetáculos supostamente irracionais e alienantes para diversão de outros homens. Lembremos que na crônica de 1893 aqui estudada, o autor já temia pelo emprego de homens nos espetáculos públicos, o que, segundo a ótica do cronista, tenderia a acontecer nos jogos olímpicos da era moderna.

A opinião se manifesta diretamente, mas de maneira elegante:

Está marcado o espetáculo para abril de 1896. Não há lá burros nem cavalos; há só homens e homens. Corridas a pé, luta corporal, exercícios ginásticos, corridas náuticas, natação, jogos atléticos, tudo o que possa esfalfar um homem sem nenhuma vantagem dos espectadores, porque não há apostas. Os prêmios são para os vencedores e honoríficos. Toda a metafísica de Aristóteles. Parece que há ideia de repetir tais jogos em Paris, no fim do século, e nos Estados Unidos em 1904. Se tal acontecer, adeus, América! Não valia a pena descobri-la há quatro séculos, para fazê-la recuar vinte. (ASSIS, 2017, v. 4, p. 1078)

Camilinho é, provavelmente, a representação do incômodo manifestado na crônica, demonstrando uma conexão íntima entre os dois textos. A matéria tirada das páginas dos jornais é objeto de elaboração que opera em níveis profundos do texto. Na crônica, o comentário direto se reveza com a fabulação própria da ficção, de modo que a opinião se apresenta também por meio da construção ficcional.

Para o leitor apressado do periódico há uma visão leve sobre três assuntos, mas para aquele que aceita o desafio de compreender a dinâmica complexa do texto machadiano, há a possibilidade de penetrar em um pensamento crítico da sociedade que pode avançar inclusive para a humanidade. José Veríssimo já chamava a atenção para as incursões filosóficas de Machado de Assis.<sup>4</sup>

No conto, a construção bem estabelecida no diapasão do humor poderia apenas tratar das desventuras de um viciado no jogo. Bom entretenimento, diga-se. O autor-modelo, entretanto, habita em todos os níveis. Machado de Assis constrói um narrador que se comunica bem com o leitor-modelo: “Qualquer pessoa atilada já descobriu que a ideia de Camilo (...)” (ASSIS, 2015, v. 3, p. 360).

---

<sup>4</sup> Ver nota de rodapé 1.

A partir de indícios como esse o narrador nos convida a traçar a anatomia do viciado, e por meio de uma investigação orientada por uma certa moral (própria do tom machadiano) estabelecemos uma posição crítica acerca da existência desse tipo de sistema em uma sociedade que pretenda ser civilizada.

### **Conclusão**

Nos textos analisados, identificamos um movimento recorrente em Machado de Assis: na crônica, em face de uma questão relevante pinçada do cotidiano da sociedade carioca, o “comentarista da semana” se afasta da matéria do real e estrutura o seu comentário com base em uma fabulação aparentemente despropositada, para daí então possibilitar a construção de determinada opinião. Esta não vem de maneira gratuita, exige a participação sagaz do leitor de segundo nível.

Nos contos, por sua vez, o movimento se dá de maneira inversa. Uma situação ficcional se oferece *a priori* como desdobramento direto de uma questão que o autor-modelo pinça da realidade. *Ideias de canário* e *Jogo do bicho* tratam respectivamente das certezas absolutas estabelecidas no discurso científico que contaminam a sociedade, e de um fato mais comezinho: o sistema de apostas em jogos de azar populares na capital da República. A partir das situações dadas, seja a do apostador inveterado, seja a do pesquisador que se defronta com o canário “dono do mundo”, Machado de Assis apresenta o seu universo do absurdo.

Com base na análise dos textos, propusemos que o leitor de segundo nível abandona a realidade da qual o texto machadiano parte e na qual se inserem ele e as personagens da trama, viaja até o universo disparatado criado pelo autor-modelo e retorna à realidade trazendo na algibeira uma boa leitura crítica sobre o mundo que é também o seu.

Verificamos assim que tal estrutura recorrente no texto machadiano funciona de maneira coerente nos dois gêneros estudados, consolidando a ideia de um projeto articulado diacronicamente e sincronicamente. Tanto na crônica como no conto existe uma variação do mesmo expediente com o objetivo de construção de uma leitura crítica amparada pela lógica irracional do absurdo.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ASSIS, Machado de. **A Semana: crônicas** (1892-1893). São Paulo: Editora Hucitec, 1996. Edição, introdução e notas de John Gledson.

\_\_\_\_\_. **Machado de Assis**: obra completa em quatro volumes. 3. ed. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2015. 4 v. Organização editorial Aluizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloisa Jahn.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 13a reimpressão.

GRANJA, Lúcia. **Machado de Assis – antes do livro, o jornal: suporte, mídia e ficção**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

\_\_\_\_\_. **Machado de Assis, escritor em formação**: (À roda dos jornais). Campinas: Mercado de Letras, 2000.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis**: o romance machadiano e o público de literatura do século 19. São Paulo: Nankin/Edusp, 2004.

SANTIAGO, Silviano. “Jano, janeiro”. Teresa – **revista de literatura brasileira**. São Paulo: USP, Editora 34, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, pp. 429-52.

\_\_\_\_\_. “Retórica da verossimilhança”. In: **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SOUZA, Silvia Cristina Martins de. “Uma crônica sobre os fatos do momento”: o jogo do bicho nas poesias de monólogos interpretados e publicados no Rio de Janeiro entre 1892 e 1894. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 200-212, jan-abr. 2018.

Submetido em: 13/04/2019

Aprovado em: 10/01/2020

### Como referenciar este artigo:

TRINDADE, Rodrigo Silva. A desnaturalização dos discursos e a lógica do absurdo em Machado de Assis. **revista Linguagem**, São Carlos, v.33, n.1, jan./jun. 2020 p. 208-223.